



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A Arte Da Contação De Estórias Na Pedagogia Waldorf**

**ANA MARIA DA SILVA AMORIM**

SÃO JOÃO DEL-REI

2023

**Ana Maria da Silva Amorim**

**A ARTE DA CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS NA PEDAGOGIA WALDORF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) - Campus Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do diploma de licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Giovana Scareli

SÃO JOÃO DEL-REI

2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a espiritualidade amiga que me inspirou a traçar novos caminhos no meu percurso terreno, o caminho da educação, um caminho lindo repleto de possibilidades, mas, ao mesmo tempo permeado por desafios a serem enfrentados.

Agradeço aos meus pais que me aceitaram como filha no mundo terreno, me ensinaram e me conduziram a ser quem eu sou, capaz de vivenciar e enfrentar os desafios que a vida impõe, seguindo sempre em frente, sem desanimar, com força e cabeça erguida. Saudades e amor eternos.

Agradeço ao meu marido Juliano que independente das nossas dificuldades cotidianas me incentivou e me motivou a percorrer meus caminhos nessa jornada. Obrigada, Ju, te amo muito!

Agradeço ao meu filho Luiz Filipi, que em seu processo de desenvolvimento e crescimento físico, mental e espiritual me inspirou a traçar novos caminhos de vida, mesmo sem ter noção dessa inspiração contribuiu significativamente nesse novo trajeto. Filho você é minha luz, minha vida. Amo você!

Agradeço a querida professora Giovana Scareli, que generosamente me acolheu como sua orientanda, acreditou que eu seria capaz de realizar essa pesquisa, me apoiou e incentivou tanto nos processos de estudo e pesquisa quanto na vida, quando em momentos de frustração, desorientação me amparou e me redirecionou. Obrigada, querida professora!

Agradeço minha amiga de grupo de estudos Josy pelo apoio e amparo nos momentos de dificuldades, me encorajando a seguir em frente. Josy você é 10!

Agradeço a cada um dos docentes que tive a oportunidade de conhecer e conviver ao longo dessa caminhada, contribuíram significativamente para meu aprendizado, amadurecimento e criticidade acerca dessa profissão tão linda e desafiadora: ser professora. Muito obrigada!

Agradeço a escola Waldorf de São João del Rei e a todos que a compõe, por terem aberto as portas para mim nesse processo de pesquisa e aprendizado, vocês trouxeram muita luz e esperança nessa nova caminhada. Obrigada!

Agradeço a todos que fizeram parte da minha trajetória nesse período de graduação, amigos, colegas, desafetos, pois, todos contribuíram para meu crescimento pessoal, profissional e espiritual.

E por fim, agradeço a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), pela bolsa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PROPE) que foi base para esse TCC e que através dele pude apreender e vivenciar muitas coisas importantes para meus caminhos futuros.

“A nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas.”

Rudolf Steiner

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1) A CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS E A PEDAGOGIA WALDORF – BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>10</b>
<b>2) PANORAMA DA CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS NOS TRÊS SETÊNIOS DA PEDAGOGIA WALDORF .....</b>	<b>14</b>
<b>3) ASPECTOS DO COTIDIANO DE UMA ESCOLA WALDORF – 2º SETÊNIO (3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS) .....</b>	<b>16</b>
<b>4) ASPECTOS DO COTIDIANO DE UMA ESCOLA WALDORF – 1º SETÊNIO (JARDIM MATUTINO) .....</b>	<b>27</b>
<b>5) ANÁLISES ACERCA DAS CONTAÇÕES DE ESTÓRIAS NA ESCOLA WALDORF .....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>

## RESUMO

Essa pesquisa buscou compreender a arte da contação de estórias em uma escola Waldorf, na cidade de São João del Rei, MG, a fim de verificar como se dá a contação de estórias, quais estórias são contadas e quais são os momentos escolhidos para essa contação. Além dessas questões, indagamos: será que é possível perceber alguns efeitos dessas contações de estórias nas crianças? Para embasamento teórico, foram realizadas pesquisas bibliográficas acerca da importância da contação de estórias e, da literatura infante/juvenil (COELHO, 2009, 2010), da Pedagogia Waldorf (LANZ, 1990, 2007), da educação sensível (DUARTE JÚNIOR, 1988, 2009), dentre outros. O trabalho de campo da pesquisa foi realizado concomitante aos estágios supervisionados obrigatórios dos anos iniciais do ensino fundamental e da educação infantil do Curso de Pedagogia em uma escola Waldorf. Foram feitos registros fotográficos, anotações e várias conversas com as professoras regentes registradas nos diários de campo. A pesquisa sistematizada nesta monografia, também foi realizada no âmbito da iniciação científica (PIBIC-UFSJ)<sup>1</sup>, e apresenta uma breve contextualização tanto da história da literatura infante/juvenil a partir dos contos orais, como também do surgimento e consolidação da Pedagogia Waldorf e seus preceitos, além das descrições feitas a partir das observações realizadas, as análises dos dados obtidos e as considerações tecidas no final da pesquisa.

**Palavras-chave:** contação de estórias, Pedagogia Waldorf, educação sensível

---

<sup>1</sup> Educação, arte e contação de estórias: um olhar cartográfico para a pedagogia Waldorf. PIIC (09/2022 a 02/2023); PIBIC-UFSJ (03/2023 a 08/2023), sob orientação da Profa. Dra. Giovana Scareli.

## INTRODUÇÃO

Ao longo do curso de pedagogia, aprendi muito, desconstruí e reconstruí muito do que já conhecia como educação ao longo da minha vida. Mas, por meio das disciplinas ligadas a arte-educação, algumas ministradas pela professora Giovana Scareli, minha orientadora nesse trabalho de conclusão de curso, é que vi possibilidades reais de transformação na educação e na formação humana. Penso que para uma criança crescer, se desenvolver, tornar-se um adulto feliz e seguro, capaz de enfrentar os desafios e adversidades da vida, é necessário que ela se conheça, conheça o outro, conheça o mundo que habita e tudo o mais que a cerca. Neste quesito, as artes são grandes possibilitadoras desse conhecimento, através das sensibilidades que elas acessam, sendo a arte de contar histórias, uma dessas linguagens sensíveis.

A contação de histórias tem um lugar especial na minha memória, uma vez que, quando criança, minha mãe semianalfabeta reunia as crianças da casa e de toda a vizinhança, principalmente em dias de chuva para contar histórias de fantasias, de um mundo distante e mágico, nos fazendo viajar na imaginação, criando em nossas memórias aqueles ambientes e personagens por ela descritos em suas narrativas e que de certa forma povoam meus pensamentos até os dias atuais.

Assim, a contação de histórias, além de ser de interesse pessoal é uma arte milenar que está presente nos mais diversos povos e culturas e vem sendo passada de geração a geração, inicialmente por meio da transmissão oral e depois também de forma imagética e impressa, presente na nossa sociedade desde os tempos remotos até os dias atuais. Seja para perpetuação das culturas, para fins de entretenimento e/ou como uma prática educativa de diferentes povos<sup>2</sup>, o fato é que a contação de histórias provoca a imaginação, o desejo de conhecer outros mundos que são repletos de possibilidades, onde o bem e o mal, em geral, são bem distintos, onde existem príncipes, princesas, bruxas e fadas capazes de fazer várias mágicas, feitiços e, muitas vezes, a ideia de uma felicidade eterna quando o bem vence o mal. Os contos de tradição oral, fazem parte da literatura, principalmente os contos de fada e fábulas, mas também muitos outros

Foi por meio das fontes vivas da tradição popular que se divulgaram, no meio culto, as cantigas e histórias repetidas pelas crianças, ‘verdadeiro ponto de transição entre a alma popular e a inteligência culta’, e gravadas pela memória dos velhos, dos homens ou das mulheres do povo, que sempre foram os grandes agentes de conservação e transmissão das tradições herdadas (COELHO, 2009, p. 106).

---

<sup>2</sup> A arte de contar histórias. Reportagem do programa Repórter Eco, com a pesquisadora Regina Machado. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uUsc6RH5AaY>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

Rudolf Steiner, filósofo de origem austríaca/alemã, era um estudioso da pessoa humana como parte integrada da sociedade. Foi o criador da Pedagogia Waldorf, difundida em 1919, a qual utiliza a contação de histórias para um despertar sensível nas crianças. Nesta pedagogia, a imaginação, chamada “fantasia criativa”, é reconhecida como um importante mecanismo de formação humana, que prepara a criança para os enfrentamentos da vida adulta, buscando seu autoconhecimento, conhecimento do outro e do mundo ao qual habitam. Frans Carigren e Arne Klingborg (2014) evidenciam as potências do termo “fantasia criativa” na Pedagogia Waldorf:

As definições são de pouca ajuda quanto a essa capacidade, que emerge das camadas mais profundas do homem e lhes traz conhecimentos das alturas mais distantes. A fantasia lhe dá a força para ultrapassar aquilo que é, e – a partir da própria atividade – para ligar-se ao que está prestes a vir a ser. A fantasia aponta para o futuro. Ela se adapta a realidade existente, mas também faz projetos para alterar o que já foi feito (CARIGREN; KLINGBORG, 2014, p. 23).

A contação de histórias na dimensão da educação infanto/juvenil é uma arte que tem livre acesso a esses mecanismos de despertar do sensível, da imaginação, do contato com um outro lugar, uma outra maneira de ver e sentir. Duarte Júnior (2008), se debruça sobre a educação sensível e estética das pessoas e diz que as artes são mecanismos capazes de movimentar os nossos sentidos. A “arte-educação significa expressar os sentimentos e sentidos oriundos da vida concretamente vivida, e não a imitação dos valores alheios” (DUARTE JÚNIOR, 2008, p. 83). Ou seja, a criança tem a oportunidade de despertar seus sentimentos e suas emoções por meio das artes, se descobrindo e se reconhecendo partícipe no mundo. Desse modo, podemos pensar que, por meio das artes, não só conseguimos nos expressar, mas também acessar o nosso interior, possibilitando a cada um conectar-se consigo mesmo.

Visando melhor compreender a arte da contação de histórias para despertar a sensibilidade do ser e uma educação sensível, esse trabalho buscou compreender a arte da contação de histórias em uma escola Waldorf, na cidade de São João del Rei, a fim de verificar se a contação de histórias se faz presente nessa escola, bem como quais histórias são contadas, em que momentos elas são contadas e como elas são contadas. Além dessas questões, será que é possível perceber alguns efeitos dessas contações de histórias nas crianças. Para embasamento teórico desse trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas acerca da contação de histórias, da literatura infanto/juvenil, da Pedagogia Waldorf, e da educação sensível, por meio da pesquisadora Nelly Novaes Coelho e dos pesquisadores, Rudolf Lanz e Francisco Duarte Júnior, dentre outros.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi utilizada a cartografia, que permite a pesquisadora entrelaçar-se nos movimentos e subjetividades, dando liberdade de fazer parte de



seu objeto de estudo, de estar conectada a seus traçados de pesquisa. “Pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê [...] explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através de um exercício de um saber que lhe é estranho” (FOUCAULT, 1994, p. 15 *apud* OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 164). Foram também realizadas observações, registros em cadernos de anotações e alguns registros fotográficos.

A princípio, a pesquisa seria realizada na escola Waldorf, durante o primeiro setênio<sup>3</sup>, mas, por delimitações de espaço dentro da escola, por preservação do ambiente escolar da criança nesse período da infância e pela pesquisadora ter iniciado seus estudos num período letivo já iniciado, a pesquisa se direcionou a uma turma do segundo setênio. Porém, “a cartografia é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 163). O que fez com que a pesquisa não tivesse perdas no caminho e, pelo contrário, seguiu abrindo novos horizontes para pesquisas futuras, surgindo a oportunidade de observar no semestre seguinte uma turma de jardim multisseriado que compreende o primeiro setênio.

O relato de pesquisa que se segue, foi separado em sessões, trazendo em cada uma delas uma parte do caminho percorrido, sendo a primeira sessão uma breve fundamentação teórica acerca da contação de estórias e da Pedagogia Waldorf, a segunda sessão um breve panorama da contação de estórias nos três setênios da Pedagogia Waldorf, a terceira sessão traz aspectos do cotidiano de uma escola Waldorf no segundo setênio mais especificamente no 3º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, na quarta sessão é apresentado os aspectos do cotidiano do jardim matutino que compreende a educação infantil, ou seja o primeiro setênio, e na quinta sessão análises acerca das contações de estórias na Escola Waldorf seguida posteriormente das considerações finais.

---

<sup>3</sup> Setênio é o nome dado as etapas do desenvolvimento do ser humano dentro dos preceitos da Pedagogia Waldorf, essas etapas são divididas em períodos de 07 (sete) anos, por isso setênio. Sendo o primeiro setênio de 0 a 7 anos, o segundo de 7 a 14 anos e o terceiro setênio de 14 a 21 anos.

## 1) A CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS E A PEDAGOGIA WALDORF – BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura infanto/juvenil é proveniente de estórias contadas de forma oral de geração em geração, principalmente, nas camadas mais populares dos diferentes povos, sendo “*Calila e Dimna*” a estória mais antiga conhecida no mundo literário que “deve ter surgido na Índia, por volta do século V a. C., e dali saído pela primeira vez, no século VI d.C., através de uma tradução persa” (COELHO, 2010, p. 8 - destaque feito pela autora). Esses contos populares tinham como principal essência a necessidade de ensinar ou compreender as naturezas humanas e os fenômenos naturais, que eram atribuídos a um mundo extracorpóreo, um mundo espiritual, uma vez que a ciência, nesse período tão remoto da civilização, ainda não era difundida e complexa a ponto de explicar ou estudar tais fenômenos. “Daí os *contos* e as *fórmulas mágicas* que, nos rituais dos povos primitivos, ajudariam o homem a vencer as forças que lhe eram hostis: as da natureza, dos animais ou dos inimigos” (COELHO, 2010, p. 7 - destaque feito pela autora).

Os textos escritos, a partir das narrativas populares desses diferentes povos, apresentam “uma pálida ideia da rede de forças que rege a vida universal, a que pertencemos e ajudamos a prosseguir em sua contínua evolução” (COELHO, 2010, p. 8), uma vez que surgiram de forma simultâneas, “umas forjando outras, surgindo de lugares tão distantes entre si geograficamente; e em épocas que a deslocação de uma região para outra se fazia com meios de transportes tão precários” (COELHO, 2010, p. 8). O que sugere um inconsciente coletivo muito aflorado nesse momento da civilização.

Jung (2014, p. 51) define o inconsciente coletivo como sendo:

[...] uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o consciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas, devem sua existência apenas à hereditariedade.

Semelhante a esse princípio de Jung, os contos vão sendo propagados de geração a geração nos mais diferentes povos, por séculos e séculos acessando as memórias do inconsciente coletivo nas formas das imagens arquetípicas, trazendo para o mundo real sentimentos advindos das fantasias de um mundo imaginário, que “pertencem a *fantasia criativa*. Nos produtos da fantasia tornam-se visíveis as “imagens primordiais” e é aqui que o conceito de arquétipo encontra sua aplicação específica” (JUNG, 2014. p. 86 - destaques do

autor). Ou seja, os entendimentos, os sentimentos que adquirimos ou acessamos através das imagens que criamos acerca das histórias que são contadas e repassadas desde os primórdios da civilização e que chegam na contemporaneidade através da literatura oral ou escrita.

Assim, vão surgindo ao longo da história, as literaturas indo-europeias infantis a partir de “Os Contos da Mamã Gansa”, de Charles Perrault, coletânea que reúne histórias de memória popular e que foi publicado na França no século XVII no reinado de Luís XIV, o rei Sol e as fábulas de Jean de La Fontaine, publicadas também na França na mesma época, e que tem como base as fábulas de Esopo (Grécia) e as fábulas de Fedro (Roma). A literatura infantil é de fato consolidada no séc. XVIII na Alemanha pelos irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), e expandida para toda a Europa e para a América. Mas, é no século XIX com o início do romantismo que o dinamarquês Hans Christian Andersen, completa o acervo da literatura infantil a partir de contos inventados ou do folclore nórdico, no qual exalta valores, sentimentos, crenças e ideais da população em seus mais diversos dramas e vivências cotidianas (COELHO, 2009, pp. 27-32).

Nessa pesquisa, verificamos que a Pedagogia Waldorf trabalha com os contos de fadas, as fábulas, as histórias dos santos e dos povos antigos, para despertar nas crianças esses arquétipos do inconsciente coletivo que é a própria essência do ser humano, sua própria composição física, etérica e espiritual, dando suporte para o desenvolvimento desse ser complexo e em sua máxima, o “eu”, tendo por bases a antroposofia que “significa ‘sabedoria do homem’. Mas não se trata apenas de antropologia; trata-se na realidade, de uma ciência do Cosmo, tendo por centro e ponto de apoio o homem” (LANZ, 2007, p. 16).

Essa composição tripartida do ser, dentro da antroposofia, diz que o ser humano é composto pelo corpo físico (matéria) que existe também nos minerais, plantas e demais seres vivos; corpo etérico (vitalidade), que é o corpo invisível que dá vida aos seres vivos, plantas, animais e ser humano e o corpo astral (anímico) ligado a alma dos seres, a sensação, aos sentidos, as vontades e aos desejos desses seres. Nas plantas, está ligado ao ar, respiração, inspiração e expiração. Nos animais, está ligado aos instintos, as necessidades de sobrevivência, como alimentação, ataque e defesa geralmente direcionados por um sentir e viver coletivos. E nos seres humanos é uma alma individualizada, ligada aos seus sentimentos, sensações, emoções, paixões e percepção de si em relação ao mundo. Trazendo um quarto elemento para essa trimembração, o “eu”. (LANZ, 1990 e 2007).

A Pedagogia Waldorf, tendo essa ciência antroposófica como base para seus ensinamentos, traz esse homem tripartido para sua essência pedagógica com essas três composições bem delimitadas e ao mesmo tempo orgânicas porque todas fazem parte de um único ser, o “eu”. “Procurando analisar as várias atividades anímicas do homem, Steiner chegou

à conclusão de que seu número pode ser reduzido a três: o pensar – ao qual se deve juntar a percepção sensorial e a memória –, o sentir e o querer.” (LANZ, 1990, p. 26). Nessa perspectiva, a Pedagogia Waldorf traz esses três pontos como uma realidade para o desenvolvimento do ser polarizado entre um consciente e um inconsciente que traz o equilíbrio para esse desenvolvimento. As tabelas abaixo, criadas por Lanz (1990, p. 28) facilita essa compreensão.

**Tabela 1 - Relação atividades anímicas e o corpo humano**

<i>Sistema</i>	<i>Principal localização no corpo</i>	<i>Estado de consciência</i>
<i>Neuro-sensorial</i>	<i>Cabeça</i>	<i>Consciência total: vigília</i>
<i>Rítmico-circulatório</i>	<i>Tórax</i>	<i>Semiconsciência: sonho</i>
<i>Metabólico-motor</i>	<i>Abdome e membros</i>	<i>Inconsciência: Sono</i>

Fonte: Lanz (1990, p. 28), adaptada pela pesquisadora.

**Tabela 2 - Relação atividade anímica e a consciência humana**

<i>Pensar</i>	<i>Sentir</i>	<i>Querer</i>
<i>(Intelecto)</i>	<i>(Sentimento)</i>	<i>(Metabolismo)</i>
<i>Plena Consciência</i>	<i>Semiconsciência</i>	<i>Inconsciência</i>

Fonte: Lanz (1990, p. 28), adaptada pela pesquisadora.

Segundo Trevisan (2006, p. 22), “Cabeça, coração e membros. Memorize essa sequência e você jamais se esquecerá de como a gente aprende verdadeiramente, ou seja, pela vontade, fruto do que se pensa e sente”. É dessa forma que a Pedagogia Waldorf se divide em setênios, sendo que cada um deles evidencia uma das partes, conforme Steiner observava e entendia o desenvolvimento do ser humano em relação ao mundo e ao planeta terra.

De 0 a 7 anos, a criança ainda está chegando no planeta, estando ainda num estado de inconsciência do mundo e de si em relação a esse mundo, no qual seu corpo físico está completo, porém não totalmente desenvolvido. Suas emoções e sentimentos ainda estão muito ligadas ao plano espiritual, muito próximo ao consciente coletivo dos animais, e seu intelecto ainda totalmente inconsciente. Nesse período, a criança precisa de muito amor, atenção, carinho e bons exemplos, tendo o adulto (familiares/professores/cuidadores) como um modelo de inspiração e repetição para que seu corpo possa se desenvolver saudável.

Dos 7 a 14 anos (adolescência), a criança começa a se reconhecer no mundo, a vivenciar seus sentimentos e emoções de forma intensa, mas sem muito controle dessas emoções, desses sentimentos, sem compreendê-los em sua totalidade. Neste período, a necessidade de apreender e compreender esse mundo e esse corpo ao qual habita é muito intenso, e é nesse momento que a criança está preparada para a alfabetização, mas um aprendizado mais ligado ao sentir, a vivenciar esse aprendizado e não memorização de conceitos. Nessa etapa, o adulto (na escola o

professor), aparece como um mestre que impõe autoridade, não com autoritarismo, mas, como um mestre que guia seu discípulo, que orienta nessa caminhada de descobertas de si e do mundo.

De 14 a 21 anos (juventude) o jovem está pronto para trabalhar sua mente, seu intelecto. Nesse setênio tudo que foi aprendido por meio dos sentidos, dos sentimentos, das sensações, das emoções serão transformados em conceitos e memorizações, e o adulto, (no caso da escola, o professor que até esse momento era o mesmo que o acompanhou), doa espaço para um tutor que é escolhido pela turma e que terá uma autoridade de referência, o qual poderá ser consultado como um conselheiro, que ajudará na sua formação espiritual e na sua formação ética-moral. Nessa etapa escolar, são vários professores que trabalham com as matérias específicas, tal qual uma escola tradicional (CARLGREN; KLINGBORG, 2014; LANZ, 1990; LANZ, 2007).

Além dos setênios, Rudolf Steiner observava que o ser humano, como também a vida e a natureza, são constituídas de polaridades, como por exemplo: nascer/morrer, dormir/acordar, claro/escuro, expirar/inspirar, dentro/fora e que essas devem ser respeitadas para que todas as etapas de seu desenvolvimento possam ser cumpridas de forma orgânica e integral. Assim, a Pedagogia Waldorf respeita esses movimentos organizando o cotidiano escolar entre contração e expansão, dentro e fora, ritmo e concentração, e seus currículos em épocas, que tem uma sequência de 04 a 05 semanas, alinhada a essa polarização de dormir e acordar, nascer e morrer, conduzindo o ser humano para a tridivisão já mencionada: querer, sentir, pensar (CARLGREN; KLINGBORG, 2014; LANZ, 1990; LANZ, 2007).

A forma de conduzir a criança por esses setênios, por essa polaridade e tridivisão do ser - querer, sentir e pensar – é através da contação de histórias, que perpassa todo o currículo e trajetória escolar de uma escola Waldorf. Durante minhas observações em uma escola Waldorf, tive a satisfação de ver, ouvir e sentir um pouco desse percurso, dessa trajetória que é regada por muita fantasia, imaginação e encantamento, despertando sentimentos e sensações acessadas por essas contações de histórias.

## **2) PANORAMA DA CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS NOS TRÊS SETÊNIOS DA PEDAGOGIA WALDORF**

Em conversas realizadas com a professora Flora Celene<sup>4</sup>, ela relata que para além das estórias criadas e contadas pela professora de classe, objetivando trabalhar os conteúdos das épocas tanto de letras quanto de números, a cada setênio, são apresentados às crianças estórias contadas para o deleite e para o desenvolvimento corporal, sentimental e espiritual das crianças, sem que elas sejam discutidas ou didatizadas.

No primeiro setênio, são apresentados os mais diversos contos de fada, contos fabulosos e contos mágicos. Geralmente, os contos dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm e de Hans Christian Andersen. Pois, tratam de personagens que fogem a realidade terrena, com fatos e acontecimentos de um mundo da imaginação, da magia, do maravilhoso, mais ligado ao plano espiritual. O mesmo plano em que as crianças pequenas de 0 a 07 anos estão mais ligadas, pois elas ainda se encontram mais próximas ao plano espiritual do que ao plano terreno.

Essas estórias são contadas também por épocas, que nessa faixa etária são compostas pelas festas religiosas (Páscoa, Pentecostes, Lanternas, São João, Micael, Nicolau, Advento), que seguem mais ou menos 04 a 05 semanas, sendo repetida a mesma estória todos os dias ao longo desse período. Pois, através da repetição, da constância dos fatos, da melodia na voz da professora e da conexão entre eles, é que as crianças sentem, interpretam e criam imagens internas diferentes, ampliando seu repertório de imagens, ao mesmo tempo que se sentem amparadas, acalentadas por se tratar de imagens mais próximas do espiritual e do plano superior, nutrindo e desenvolvendo suas forças vitais, sustentando seu corpo físico.

No segundo setênio, os tipos de estórias que são contadas se diferem a cada ano, seguindo as necessidades de crescimento e desenvolvimento social, emocional e espiritual da criança. No primeiro e no segundo ano desse setênio, ainda seguem as épocas das festas religiosas, com periodicidade das épocas de 04 a 05 semanas. Porém, já não são contadas as mesmas estórias a cada dia, já que as crianças nessa idade começam a reconhecer o tempo e o espaço entre início, meio e fim, podendo apresentar estórias maiores, e contadas por partes, em dias sequenciais.

Nesse período do ensino fundamental, as estórias escolhidas para serem narradas são, em sua maioria, as fábulas de Esopo e de Fedro na tradução de Jean de La Fontaine e as estórias dos santos são intercaladas às essas épocas, com o intuito de mostrar a dualidade dos seres

---

<sup>4</sup> Flora Celene é o nome fictício dado a professora regente da turma do 3º ano do ensino fundamental (anos iniciais), a mesma que me acompanhou durante meu período de observação.

humanos. Nas fábulas, os animais representam os sentimentos animais dos seres humanos, como a cobiça, a inveja, o ciúme, a vaidade e situações do cotidiano, acompanhada de uma “moral” para a estória. Nas estórias dos santos, os sentimentos genuínos dos seres humanos, ligados a plenitude do ser, a bondade, o amor fraternal, o desapego do mundo, a doação. Estórias que trazem personagens que se abdicaram de riquezas, títulos para se dedicarem aos mais pobres e aos animais.

Essas estórias são contadas nessa etapa da vida da criança, pois, é nela que a criança começa a se reconhecer como um ser humano único, capaz de vivenciar sentimentos tanto bons, quanto ruins, pois ainda possuem dificuldades para entender ou administrar tais sentimentos. Neste sentido, as fábulas e as estórias dos santos são como um acalanto para seus corações, oportunizando a elas, perceberem a unicidade do ser, mas, permeado de polaridades entre o bem e o mal, e que é preciso conhecer e administrar esses sentimentos em relação a si, ao outro e ao mundo.

Nos anos seguintes do ensino fundamental, ainda no segundo setênio, são narradas as estórias dos povos antigos, começando pelos povos que antecederam a criação do mundo, as estórias bíblicas do antigo testamento. Essa retomada a povos da antiguidade, possibilitam às crianças fazerem um percurso de traz para frente nas civilizações, reconhecendo aos poucos o mundo ao qual habitam, ao mesmo tempo que possam se reconhecer nesse mundo. Aprendendo como as coisas foram construídas e conquistadas, ao longo dos séculos, quanto foi necessário perder e ganhar, para que chegássemos no tempo presente, um tempo de desenvolvimento de tecnologias científicas das mais diversas e variadas e em constantes transformações.

Essas estórias, também trazem a curiosidade e o envolvimento com um mundo maravilhoso, encantado, de uma época em que os seres humanos transitavam entre o espiritual e o físico, entre a terra e o céu. Tais estórias dão suporte para as crianças dessa faixa etária se reconhecerem na terra, no mundo ao qual habitam, se fixando no mundo terreno, compreendendo que o mundo espiritual foi ficando para trás, dando espaço para um novo caminhar, uma nova experiência, um novo viver.

A escola Waldorf onde desenvolvi a pesquisa, não trabalha com o terceiro setênio, que seria o ensino médio, suas atividades se mantem até o limiar do ensino fundamental I. Não sendo possível abordar aqui a temática das estórias desse período, sendo apenas possível dizer que seguem a sequência dos povos antigos à civilização contemporânea, abordando nos últimos anos do ensino médio biografias de pessoas que concretamente contribuíram para as transformações das civilizações, fossem no campo espiritual, social ou político.

### 3) ASPECTOS DO COTIDIANO DE UMA ESCOLA WALDORF– 2º SETÊNIO (3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS)

Apresento nesta seção, aspectos do cotidiano observados e vivenciados por mim numa trajetória diária de quase três meses numa Escola Waldorf, localizada em São João del Rei, numa turma de 3º ano, composta por 08 crianças na faixa etária de 09 anos de idade, regidos pela professora Flora Celene, que nos encantava todas as manhãs com suas narrativas envolventes e cativantes. Machado (2015, p. 16) diz que:

A arte da palavra requer o exercício da capacidade de transmutar imagens internas em configurações de linguagem, ordenadas poeticamente. Tal ordenação é fruto de um longo processo de descoberta de palavras que podem ser encadeadas para fazer sentido, para conferir significação à experiência de vida de uma pessoa.

Nesse intuito a professora utilizava das narrativas orais para despertar ou criar em seus alunos essas imagens internas, dando sentido aos conteúdos trabalhados, trazendo vivências próximas ao cotidiano deles.

Ainda sobre a arte da palavra e a experiência de leitura que atribui sentido a elas, Cademartori (2009, p. 50) diz também que a “obra literária deixa vazios por onde podemos ingressar com nossa imaginação, nossa experiência, nossa capacidade para completar e refazer o narrado”.

A professora que acompanhei nesse período na escola Waldorf, diz que, através das narrativas, das experiências e vivências dos personagens das histórias, é que são criadas as possibilidades de acesso e despertar de imagens internas. Uma vez que “a criança inicia seu processo de consciência a partir da percepção do mundo, da criação de imagens ricas em conteúdos simbólicos, para alcançar a capacidade intelectual no período da adolescência” (PASSERINI, 1998, p. 21).

Assim, a Pedagogia Waldorf traz em seu currículo, as vivências das histórias contadas pela arte da oralidade para esse despertar de sensibilidade do ser, para seu desenvolvimento social, emocional e espiritual. Segundo Steiner *apud* Passerini, (1998, p. 22) “as imagens conceituais contêm uma força própria, capaz de impulsionar mudanças de comportamento, por serem “vivas em sua clareza espiritual”, ou seja, vazadas em imagens conceituais claras, e não conceitos abstratos”.

As contações de histórias ocorrem em dois momentos específicos da aula, um deles voltado para a introdução do conteúdo relacionado à época trabalhada e um outro momento voltado para a contação de histórias que envolvem a parte do desenvolvimento e crescimento do



ser humano de acordo com a necessidade premente ao setênio em que a criança se encontra.

Na sala de 3º ano, o currículo está dividido em duas épocas, uma época das letras que inter-relaciona português, geografia, história e ciências e a época dos números que traz a matemática e suas correlações. Para que as crianças tenham a vontade de querer aprender, a professora tem a liberdade de criar uma trama narrativa que ela vai envolvendo e conduzindo as crianças pelos caminhos dos sentimentos atrelados aos conteúdos propostos dentro do currículo, e vai trabalhando dia a dia esse currículo por meio de narrativas cativantes. Uma vez que:

Narrar histórias todos os dias é “oferecer as crianças valores formativos”<sup>5</sup>. A nosso ver, tal prática constitui, entre outras coisas, o resgate da rica cultura de tradição oral e a forte possibilidade de estruturar um vínculo significativo entre educador e educando, mas, principalmente a formação da individualidade nos aspectos ético e moral (PASSERINI, 1998, p. 26).

As narrativas trazem a criança para dentro da estória, fazendo com que ela se identifique e passe a fazer parte daquele contexto. Podendo sentir e vivenciar os acontecimentos narrados, compreendendo melhor conteúdos do currículo, ou ainda sentimentos, emoções decorrentes do processo de construção/apropriação de conhecimentos, tanto escolares, quanto de sua própria formação ético-moral. Duarte Júnior (2002, p. 69) diz que:

[...] o processo do conhecimento articula-se entre aquilo que é vivido (sentido) e o que é simbolizado (pensado). Ao possibilitar-nos o acesso a outras situações e experiências, pela via do sentimento, a arte constrói em nós as bases para uma compreensão maior de tais situações. Porque a simples transmissão de conceitos verbais, que não se ligam de forma alguma aos sentimentos dos indivíduos, não é garantia de que um processo de real aprendizagem ocorra.

Dessa forma, as crianças vão se apropriando do querer e do sentir de cada etapa do currículo e memorizando corporalmente esses conteúdos, para que no próximo setênio estejam preparadas para conceituá-los. Em outro momento, as contações de estórias são voltadas para o desenvolvimento e crescimento do indivíduo em relação a si e ao mundo, e nesse setênio, é a partir das narrativas do antigo testamento que são contadas a trajetória da humanidade desde a criação do mundo, passando por todas as guerras, conquistas, batalhas, pestes e outros que conduziram as civilizações nesse período tão remoto da existência do ser humano. E é através dessas estórias que os sentimentos, os conflitos inerentes a esse setênio com relação ao seu “eu” e o mundo, a autoridade que esse período imprime à vida do ser humano, o constitui, dando bases para seu entendimento, sua formação ético e moral.

---

<sup>5</sup> E. A. K. Stockmeyer, *Curriculo de Rudolf Steiner para as Escolas Waldorf*.

Os acontecimentos, as palavras e figuras da etória bíblica estão entrelaçados no desenvolvimento da cultura ocidental; são encontrados na arte, nas máximas, em todo o nosso mundo de ideias. As narrativas bíblicas, porém, tem muito mais a dar além da simples compreensão das raízes de nossa própria civilização. [...] em toda a literatura mundial, não existe outra obra, que trate de forma tão coerente, o problema da autoridade, da primeira à última página (CARLGREN; KLINGBORG, 2014, pp. 112-113).

Para o ensino dos conteúdos, a professora que acompanhei criou para a época das letras uma estória na qual resgatou 04 personagens crianças de uma estória que ela já havia iniciado no ano anterior, quando as crianças estavam no 2º ano. Segundo a professora, ao assumir a turma no ano anterior, utilizou as estórias para que pudesse se conectar às crianças e assumir aquele espaço/tempo como professora. Passerini (1998, p. 99 - destaque da autora) diz que:

As imagens contidas nas múltiplas formas narrativas constituem produtos do pensar imaginativo humano. Suas profundas e sábias verdades não podem ser apreendidas pelo pensar intelectual, não devem ser explicadas ou *traduzidas* em linguagens adequada a esse pensar; devem apenas ser narradas, ocupando lugar de relevância nesse processo a pessoa do narrador, seu próprio contato íntimo com as imagens do texto narrado e sua capacidade de estabelecer boa relação afetiva com os ouvintes.

Assim, a professora criou uma personagem cigana que tinha muito da sua própria trajetória de mulher, que já viveu e morou em vários lugares tanto no Brasil quanto fora dele, e para criar conexão com as crianças de sua turma, ela atrela essa personagem aos personagens crianças, que já existiam na estória do ano anterior. Desse modo, a partir desses personagens já existentes, a professora pode introduzir as vivências dos conteúdos que perpassam o 3º ano que consistem em: habitação, moradias, alimentação, agricultura, terra, cultivo da terra, profissões primordiais. Ou seja, situações do cotidiano dos seres humanos, que para crianças dessa faixa etária fazem muito sentido, uma vez que estão começando a se reconhecerem no mundo e participe dele.

Iniciei minha observação no início de uma época de letras, já no segundo semestre do ano letivo de 2022. Na minha primeira escuta, fiquei um pouco perdida, pois a estória já estava sendo contada há mais tempo. Mesmo assim, não deixou de ser interessante ver e sentir como a estória envolvia as crianças, e como todos queriam ajudar na retrospectiva da estória para que a professora retomasse o fio condutor nessa nova época. Todos conheciam os personagens e seus respectivos papéis na trama, que se tratava de uma grande fazenda onde viviam várias famílias, cada uma delas com características e culturas diferentes entre si e que se uniram numa missão coletiva.

A professora, dias depois me fez um breve relato da estória que ela narrava, conduzindo as crianças pelos conteúdos daquela época. Se tratava de uma cigana chamada Zara que nas suas andanças conheceu várias pessoas, dentre elas, quatro crianças de quatro famílias

diferentes, Vitória, Marcos, Daniel e Flora. Essa cigana, cansada de percorrer o mundo, sentia a necessidade de se aquietar e encontra um senhor, o Sr. Donato, dono de uma grande fazenda que estava muito triste por não poder continuar conduzindo sua fazenda, pois seus filhos haviam se mudado para a cidade para estudarem, e ele, já com certa idade, não poderia cuidar de tudo sozinho.

A cigana que tinha um amigo chamado Humberto, que muito entendia de cultivo de terra, se prontificaram a ajudar, e aos poucos foram recebendo as demais famílias ciganas. O Sr. Fernando (ferreiro) e a Serena, sua esposa, (ceramista); o Sr. Tadeu (padeiro) e, além desses, a costureira, o queijeiro e outros. Todos eles se uniram em prol de manterem a fazenda em funcionamento.

No decorrer da estória, cada família constituinte de um personagem, vinha de uma região diferente, com costumes diferentes, e a construção de suas moradias dentro da fazenda eram realizadas conforme suas características e seus costumes. Concomitante a estória narrada, as crianças do terceiro ano, foram construindo uma maquete que simbolizava a fazenda da estória narrada, compondo nessa maquete as diferentes moradias dos personagens da estória.

Outro ponto que era trabalhado pela estória eram as profissões, já que cada personagem tinha uma, mas que, durante as narrativas, os personagens sempre precisavam de ajuda em relação a seus afazeres e essa ajuda, na maioria das vezes, vinham dos personagens crianças que eram filhos dos novos moradores da fazenda.

Assim a estória transcorria, sempre evocando a ajuda de uma das crianças num dos afazeres que perpassavam o dia a dia da fazenda, despertando muita imaginação nas crianças do terceiro ano. Imaginação essa, percebida, quando um personagem místico, o Raiz Fina<sup>6</sup>, que tem um formato de centelha de luz, reaparece na estória depois de um tempo, voltando de uma viagem pelo mundo. Todos os alunos queriam saber por onde Raiz Fina andava, como ele se locomovia, porque ele demorou a voltar e se ele realmente existia.

Raiz Fina surge, trazido pelos caminhos da natureza, ventos, rios, mares, raízes, flores, pólen e chega na fazenda deixando as crianças muito felizes, tanto as da estória quanto as do terceiro ano. Pois já estavam com saudades daquele ser especial, sensível e generoso que ajudava a todos, a entender e compreender os rumos da natureza, suas transformações, seu crescimento.

Esse ser místico, volta com o intuito de ajudar seu amigo Humberto, também amigo da

---

<sup>6</sup> Raiz Fina é o nome de um personagem criado pela professora dentro da estória contada para introduzir os conteúdos, sendo esse personagem um ser místico, um ser que se apresenta no formato de uma centelha de luz e que usa da natureza para se locomover.

cigana, a preparar o solo e a plantação para conclusão do novo projeto da fazenda, o cultivo de variados tipos de grãos para a produção de pães que serão consumidos e comercializado dentro e fora da fazenda, com produtos naturais e de qualidade. Humberto, que também havia saído em viagem pelo mundo para estudar sobre esses grãos, retorna com intuito de orientar os moradores da fazenda nessa nova caminhada.

Numa dessas narrativas, quando Raiz Fina já havia retornado e já estava trabalhando, ajudando no plantio e cultivo e transformação das sementes em grãos, dos grãos em farinha e das farinhas em pães, uma das crianças, em um momento de vigília dos campos dos grãos já plantados, começa a questionar a solidão das sementes, a escuridão e a frieza da terra em que elas foram depositadas. A estória segue, e no momento da colheita, quando os grãos seriam pilados, apertados, moídos e transformados em novas etapas, essa criança sai em disparada, correndo para a casa e sua mãe e a cigana Zara a recebem e a envolvem num abraço, acalentando seus medos e suas dúvidas de solidão e tristeza.

Nesse momento, uma das crianças da turma ficou triste, meio introspectiva, e confesso que eu também. Essa narrativa foi muito tocante, pois levou cada um de nós, a pensar e questionar vários aspectos da nossa vida. Para a criança da estória, a questão era sobre a solidão e o medo do abandono. Para a criança da sala o que poderia tê-la feito sentir tristeza e introspecção?

A professora percebeu uma atmosfera de dor e sofrimento e tocou no assunto de forma bem sutil, falando do crescimento, da mudança de fases e que crescer e se transformar também é bom. Uma das crianças então diz: “eu não queria crescer, tenho saudades de quando podia só brincar”. Outra diz: “tenho saudade de ficar no colo da minha mãe”. Destaco esses dois momentos, como exemplos de como as estórias têm efeito nos ouvintes, neste caso, as crianças que ficaram tocadas e manifestaram o que estavam sentindo. São momentos como esses, emocionantes, que nos fazem correr pelos caminhos internos de nossos pensamentos e sentimentos em busca de um acalanto, um aconchego, uma palavra, como as da professora Flora Celene.

No meu caso, lembranças de minha mãe que em tardes e noites chuvosas nos acalentava e nos conduzia por meio das suas narrativas. Estórias mágicas nos entretendo naqueles momentos de relâmpagos e trovoadas, assim como as estórias da professora Flora Celene, que mistura as lembranças de suas andanças e vivências pelos vários lugares onde morou, e que a trouxe até esse lugar de professora, e que agora conduz as crianças por narrativas que envolvem, cativam e movimentam as suas vivências.

Dessa forma, Passerini (1998, p. 28) corrobora dizendo que:

[...] as imagens das narrativas elaboradas a partir de intuições primordiais ganham expressão em estruturas mentais originais, ou seja, em formas de perceber e sentir o mundo interno e o circundante expressas por meio da mesma linguagem encontrada nos contos de fada, contos maravilhosos, mitos, sagas etc.

Esse movimento de elaboração das estórias, das imagens, das percepções, faz com que as crianças criem mecanismos de compreensão de si e do mundo em relação aos conteúdos do currículo. Além das narrativas orais das estórias, a professora ainda nos brinda com seus desenhos traçados na lousa com giz de cal, que representam alguns momentos da estória e que dão às crianças oportunidades de unir as imagens mentais por elas criadas às imagens criadas pela professora.

**Imagem 1: O Ferreiro**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 2: Queijaria**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

Para além da sensibilidade que as estórias trazem para a vivência dos conteúdos de geografia, história e ciências, por exemplo, as crianças fizeram também alguns passeios de visitação de ambientes próximos ao da estória narrada, como visitas à fábrica de queijo, ao interior de uma padaria, a uma oficina de ferreiro, ao ateliê de uma ceramista entre outros.

As visitas ou aulas-passeio, como eram chamadas por Célestin Freinet, contribuem para a formação dessas crianças acerca dos conteúdos trabalhados, por meio das experiências, vivências e sensações que vão forjando seu repertório intelectual e suas memórias corporais, para que no momento da composição conceitual de seu aprendizado, esse possa ser realizado efetivamente. “Por isso uma educação que apenas pretenda transmitir significados que estão distantes da vida concreta dos educandos, não produz aprendizagem alguma. *É necessário que os conceitos (símbolos), estejam em conexão com as experiências dos indivíduos*” (DUARTE JÚNIOR, 2002, p. 23 - destaque feito pelo autor).

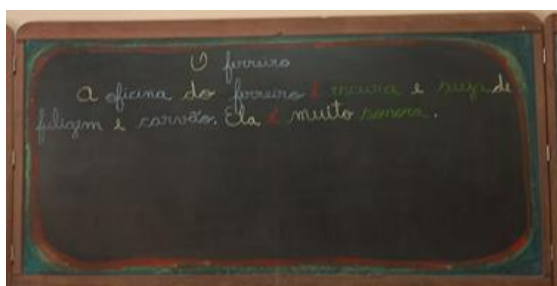
O trabalho em relação ao conteúdo de português, é concomitante, as narrações da estória. No período da minha observação, a professora começou a introduzir algumas classes

gramaticais como os substantivos, os verbos e os adjetivos, mas, sem que fossem classificados ou conceituados com seus respectivos nomes, e sim por sua utilização. Onde os nomes das ferramentas utilizadas pelo ferreiro e outros profissionais da estória, seriam, na verdade, os substantivos. As atividades exercidas por essas pessoas, ou seja, como o ferreiro trabalhava, o que a ceramista fazia, como o padeiro juntava os ingredientes para fazer o pão, ou como o queijeiro fazia para armazenar seus queijos, seriam as ações realizadas por eles, ou seja, os verbos. E ainda, as características de cada um desses personagens ou dos ambientes de trabalho deles, seriam os adjetivos.

Nos registros desse aprendizado, eram escritos textos referentes a alguns detalhes da estória contada, na maioria das vezes a própria professora criava os textos, escrevia no quadro e as crianças copiavam em seus cadernos; outras vezes, a criação dos textos era feita em conjunto, pelas próprias crianças que pensavam e articulavam o texto a ser escrito no quadro e copiado no caderno.

Nos chamados cadernos de época, eles reúnem o resumo de um período de aulas. Até a 8ª série os textos em geral são ditados pelos professores ou elaborados em conjunto durante a aula. As ilustrações são totalmente obras das crianças; eventualmente (dependendo da idade delas), o professor desenhará croquis ou imagens no quadro negro, mas, cada criança interpretará essas sugestões à sua maneira (CARLGREN; KLINGBORG, 2014, p. 47).

**Imagem 3: Texto sobre o ferreiro e sua oficina**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

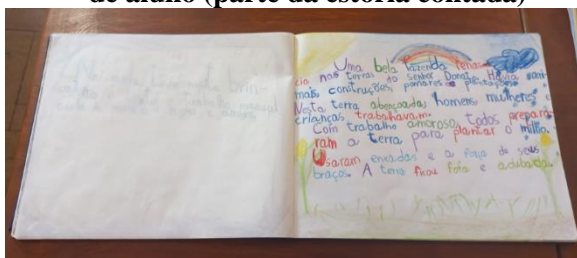
**Imagem 4: Texto sobre o queijeiro e sua fabricação de queijos**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

Os textos eram escritos nos cadernos com giz de cera ou lápis de cor, em cores variadas, diferenciando as classes gramaticais. Sendo, azul para os nomes das pessoas, dos lugares e dos objetos, o vermelho para as ações realizadas pelos personagens e o verde para as características tanto dos personagens como dos ambientes e objetos envolvidos a estória. As demais palavras que compunham o texto, era usada uma cor diferente das mencionadas para as classes gramaticais, e cada criança podia usar a cor que escolhesse. Trazendo aos cadernos uma atmosfera de cores, harmonia e encantamento.

**Imagem 5: Registro de aprendizado caderno de aluno (parte da estória contada)**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 6: Registro de aprendizado caderno de aluno (ilustração da estória contada)**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

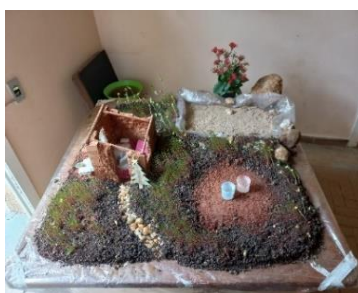
Conforme já mencionado ao longo da trajetória da contação de estórias, as crianças juntamente com a professora e algumas contribuições de familiares, foram construindo uma linda maquete representando toda a vivência daquela estória, representando a fazenda, as moradias que ali existiam e a plantação de sementes para o cultivo dos grãos a serem utilizados na produção dos pães. Nos últimos dias, as crianças plantaram vários grãos nessa maquete e que foi se transformando de semana a semana, numa verdadeira plantação, uma transformação que provocou a satisfação de todos que acompanharam esse longo trabalho.

**Imagem 7: Maquete 1ª parte**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 8: Maquete 2ª parte**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 9: Maquete 3ª parte**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 10: Maquete 4ª Parte**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 11: Maquete 5ª Parte**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 12: Maquete 6ª Parte**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

Da mesma forma que ocorreu na época das letras, a época dos números também foi trabalhada em um viés narrativo. Porém, a matemática por ter conteúdos mais objetivos e práticos dificulta o trabalho da narrativa oral diariamente como ocorre na época das letras, mas, não impede que se acesse a sensibilidade, os sentimentos e o querer das crianças em vivenciar seus conteúdos, ou até mesmo atrelá-los aos princípios ético-morais do ser humano. Com exemplos de divisão do todo para as partes. “Sem dar a perceber, o professor pode, simplesmente pela escolha dos exemplos, introduzir importantes impulsos morais em suas aulas”. (CARLGREN; KLINGBORG, 2014, p. 107).

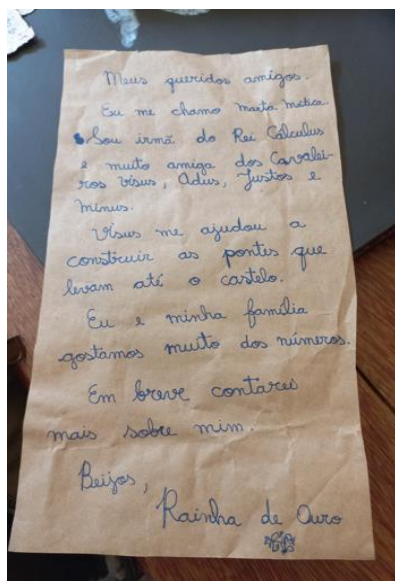
A professora Flora Celene, com o intuito de trabalhar a tabuada e, sucessivamente, a separação dos números em centenas, dezenas e unidades, para a partir daí, introduzir os cálculos matemáticos adição, subtração, multiplicação e divisão, parte do resgate de uma estória que já vinha sendo contada desde o 1º ano, que consistia num reino dos números governado pelo rei Cálculo, que guiava seus súditos, os Números, pelos caminhos da matemática, com a ajuda de alguns cavaleiros, o Adus, o Minus, o Visus e o Justus. Um reino é criado, o reino de Ouro, governado pela rainha Marta-Mática, irmã do rei Cálculo e amiga dos cavaleiros já citados Adus, Minus, Visus e Justus.

Ela cria uma atmosfera de encantamento e provoca a curiosidade das crianças por meio de cartas enviadas pela suposta rainha de Ouro, que lança desafios e espera respostas, despertando nas crianças a vontade, o querer de desvendar ou cumprir os desafios propostos pela rainha Marta-Mática, que quer ser uma rainha justa com seus súditos quanto aos pagamentos e divisões de suas provisões. Através dessas trocas de cartas as narrativas e o aprendizado da matemática, vão se desenrolando,

A primeira carta enviada à turma, foi a rainha se apresentando, a segunda carta enviada e que deveria ser respondida pela turma conjuntamente, foi um convite para participarem dos desafios das tabuadas para serem agraciados com os títulos de cavaleiros e amazonas da tabuada redonda. E a partir desses títulos serem capazes de ajudar a rainha nos mais diversos desafios e tarefas necessárias no reino de ouro da rainha Marta-Mática.

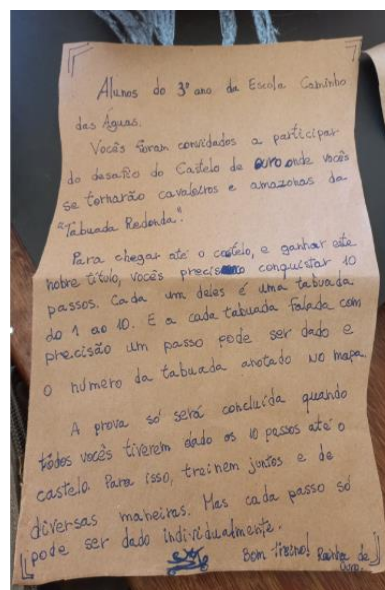


**Imagem 13: Primeira carta – Apresentação da rainha Marta-Mática**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 14: Segunda Carta – O convite da rainha às crianças para serem cavaleiros e amazonas da tabuada redonda**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

Para que os primeiros desafios lançados pela rainha Marta-Mática fossem respondidos e os títulos de cavaleiros e amazonas fossem recebidos, as crianças conduzidas pela professora Flora Celene, iam treinando as tabuadas, os múltiplos dos números por meio de brincadeiras cantadas/cadenciadas e com pular corda. Carlgren; Klingborg (2014, p. 107) diz que “o melhor caminho para introduzir a criança no mundo dos números é através do movimento e do ritmo, que ocorrem no contar e nas séries de números”.

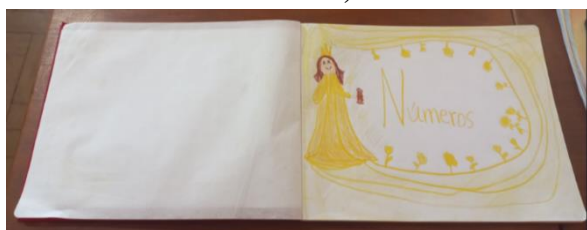
Nesse interim, novas cartas iam chegando, alimentando a narrativa da estória da rainha Marta-Mática, impulsionando o sentir, e o querer das crianças a cada desafio apresentado. Um dos desafios foi contar os grãos especiais enviados pela rainha, pois esses seriam a base para solucionar novos desafios enviados a cada carta. Com a tarefa cumprida, as crianças precisavam, armazenar esses feijões, pois a partir deles é que seriam trabalhados as centenas, dezenas e unidades, para conseguirem calcular e montar as continhas de adição, subtração, divisão e multiplicação. Esse material se assemelha ao material dourado, criado por Maria Montessori e disponível, na maioria das escolas. E a professora Flora Celene de forma criativa o introduz por meio de narrativas indiretas com as cartas da rainha Marta-Mática do reino de ouro, fazendo com que as crianças sentissem e vivenciassem a matemática.

Kamii, (2017, p. 13) diz que “as crianças constroem o conhecimento lógico-matemático, sujeitando relações já feitas a novas relações. Por exemplo coordenando as relações de “mesmo” e “diferente”, que inicialmente criaram entre dois objetos, as crianças começam a

produzir classes e subclasses (Inhelder e Piaget, 1959/1964)”. Com assimilações realizadas na separação dos feijões, no treino das tabuadas através dos pulos de números da mesma classe, as crianças vão internalizando os números sem que seja necessário reconhecer sua representação numérica escrita. Kamii, (2017, p. 19 - destaque da autora) diz que: “as crianças *constroem* o número internamente, em vez de aprender a “reconhecê-lo” como se o número fosse algo disponível para ser reconhecido empiricamente.

Assim, o trabalho da matemática prossegue em toda época dos números através da representação imagética da narrativa, e as crianças continuam a receber as cartas da rainha com dicas e agradecimentos, acerca dos desafios lançados, além de novos desafios conforme o conteúdo vai sendo trabalhado pela professora Flora Celene na sala de aula. As crianças que passam a ser cavaleiros e amazonas da rainha, no reino de ouro, vão registrando suas habilidades matemáticas em seus cadernos com giz de cera e lápis de cor, trazendo uma estética artística, dando leveza ao aprendizado da matemática.

**Imagem 15: Registro de aprendizado caderno de aluno (folha de rosto do caderno de números)**



Fonte: arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 16: Registro de aprendizado caderno de aluno (desafio dos feijões separação)**



Fonte: arquivo pessoal da estudante pesquisadora

Nessa época de números, além da estória da rainha de ouro com seus desafios através das cartas objetivando o ensino/aprendizado da matemática, de forma lúdica e imagética. Despertou nas crianças algumas curiosidades e controvérsias quanto a identidade da rainha. As crianças a fim de desvendar esse mistério, criaram um Clube de detetives para investigar a rainha de ouro e descobrir quem era ela, onde morava e outras informações. Algumas crianças questionaram se a rainha de ouro não seria a própria professora Flora Celene se passando por rainha, outras diziam que não, que a professora conhecia a rainha, mas, não era a rainha. Aguçando ainda mais o interesse e a imaginação das crianças à cerca da estória e dos personagens criados pela professora Flora Celene. Evidenciando que “o ato do conhecimento e da aprendizagem é em sua essência, dirigido e orientado pela imaginação” (DUARTE JÚNIOR, 1988. p. 47).

#### **4) ASPECTOS DO COTIDIANO DE UMA ESCOLA WALDORF – 1º SETÊNIO (JARDIM MATUTINO)**

Nesta sessão abordo aspectos da pedagogia Waldorf relacionados a educação infantil, e algumas das observações realizadas no turno matutino, em uma turma multisseriada com crianças de 03 a 06 anos, que compreende o primeiro setênio ou o jardim da infância. A turma observada era composta inicialmente por 18 crianças, 10 meninos e 08 meninas. As observações ocorreram no primeiro semestre do ano de 2023 através do estágio obrigatório da educação infantil que pôde ser realizado, pois surgiu a oportunidade de estagiar remuneradamente como auxiliar de turma. Esse estágio foi possível em decorrência da minha presença na escola, durante as observações para uma pesquisa de Iniciação Científica quando observei a contação de estórias no segundo setênio, equivalente ao ensino fundamental.

Para a Pedagogia Waldorf, a presença de uma pessoa que não faz parte do cotidiano da criança nessa faixa etária de 03 a 06 anos, atrapalha a dinâmica diária, pois, para crianças nesse período da vida, o melhor seria estar em casa, aos cuidados da mãe, na convivência dos irmãos, no ambiente familiar, mas, com a modernidade, o surgimento do capitalismo e as transformações da sociedade, o jardim de infância surge para suprir a necessidade das famílias.

Assim, a pedagogia Waldorf entende que o melhor para as crianças nessa faixa etária é estar num ambiente que se assemelha a esse lar, essa casa familiar, por isso a composição da sala e das vivências são muitos similares as vivenciadas nos lares e deve ter uma composição fechada, sob a orientação de, não mais, que duas pessoas. Além disso, como a sala de aula é composta por crianças em idades variadas, cabe aos maiores auxiliarem os menores, contribuindo para seu desenvolvimento (LANZ, 1990, p. 95).

A criança de 0 a 7 anos, está chegando na terra, ainda com uma ligação muito grande com o plano espiritual, estando com seu corpo físico completo, mas, não totalmente desenvolvido, por essa razão, ela precisa de muita atenção e amor para desenvolver seu corpo anímico gerador da vida de forma plena e saudável. A criança na faixa etária do jardim de infância começa a se reconhecer como um ser único, mas, sem muita consciência de sua posição na terra, ainda se baseia da imitação dos adultos e depende deles para sentir que o mundo é bom (LANZ, 1990; 2007). As crianças fantasiam a realidade, imaginam e representam papéis, imitam em suas brincadeiras as atitudes e atividades dos adultos e é nessa fase que dão vasão ao espírito para desenvolver sua “fantasia criativa”, “uma das capacidades interiores mais importantes que um homem adulto tem a sua disposição” (CARLGREN; KLINGBORG, 2014, p. 35), na qual “fantasia lhe dá a força para ultrapassar aquilo que é, e – a partir da própria

atividade – para ligar-se ao que está prestes a vir a ser. A fantasia aponta para o futuro” (CARLGREN; KLINGBORG, 2014, p.35).

Essa capacidade de imaginar, criar, recriar as vivências dos adultos e desenvolver a “fantasia criativa” que será de suma importância para sua vida adulta, trazendo autonomia e liberdade para mudar o que está posto, transformar sua realidade, pensar seu futuro. É que as imagens contidas nas mais diversas histórias contadas ganham forças, uma vez que o espírito da criança sente a necessidade de se identificar com as mais diversas imagens, assemelham suas atitudes, seus sentimentos as imagens descritas nos contos. E sentem a necessidade dessa imagem ser trazida de novo e de novo através de repetições para que ela possa se nutrir dessas imagens, alimentando seu corpo anímico que está em pleno desenvolvimento.

Os contos são, por esse motivo, um alimento inexaurível para as crianças, numa determinada idade. Mostram em suas imagens, as tendências e anseios que, inconscientemente, desenham-se na alma infantil, gravando em seu subconsciente ideias e anseios que, mais tarde, transformam-se naturalmente nos ideais e aspirações de vida. Há uma afinidade profunda entre os mundos dos contos e a alma infantil. (LANZ, 1990, p. 99).

Os contos são organizados em dois momentos, na roda da história e nas rodas rítmicas, que são escolhidos geralmente conforme a época trabalhada, uma vez que o currículo da pedagogia Waldorf nesse setênio é organizado em épocas, seguindo as festas religiosas tais como: Páscoa, Pentecostes, Menina da Lanterna, São João, Micael, Advento e outros.

A rotina literária do jardim matutino está compreendida nos dois momentos citados no item anterior, a roda rítmica e a roda da história. Mas, esses dois momentos transbordam para toda a vivência do dia a dia, pois, elas entrelaçam as vivências das crianças nas brincadeiras, tanto interna quanto externa, e algumas expressões plásticas, tais como, desenhos, pinturas e trabalhos manuais ou no próprio horário da refeição, tudo está de certa forma interligado as épocas vivenciadas em períodos de mais ou menos 30 dias.

A roda rítmica é uma roda que a professora faz com as crianças pouco antes do lanche. Ela tem uma sequência de cantigas antigas, algumas folclóricas, outras mais contemporâneas, mas, sempre com um percurso similar a uma história, não com fatos e cenas tão bem descritas quanto numa história contada, mas, direciona o pensamento, os sentimentos, a imaginação à “fantasia criativa” da criança desse período da vida. Ao mesmo tempo que ela canta ela faz gestos relacionados aos dizeres da cantiga, as crianças sem que tenha que ensinar (olha, faz assim, faz de outra forma, agora põe a mão assim, vira a cabeça assim...), aprende os gestos através da observação e da vivência diária, como também apreendem as cantigas e as cantam de forma espontânea e efetiva.

**Imagem 17: Roda rítmica**



Fonte: arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 18: Roda rítmica**



Fonte: arquivo pessoal da estudante pesquisadora

As rodas de contação de estórias, acontecem no momento após a brincadeira externa, pouco antes de irem para casa. As cadeiras são dispostas em torno de uma poltrona que se parece com poltronas de vovó, onde a professora se senta e, ascende uma vela na mesa da estória<sup>7</sup> que fica ao lado da poltrona. As cadeirinhas das crianças são organizadas em um círculo e a professora conta uma mesma estória durante um período de 15 a 20 dias. A depender da época em que está sendo vivenciada a estória pode ser uma ou mais estórias nessa época, e quase sempre com temas que façam sentido nessa época, podendo, às vezes, a professora pegar alguma estória que traga alguma vivência específica que ela tenha observado que a turma está precisando sentir, como por exemplo cuidar da natureza, respeitar os animais, entre outros.

**Imagem 19: Mesa da estória**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 20: Roda da estória**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

Ao final de cada época, a professora costuma trazer para esse momento, imagens concretas da estória contada, podendo ser através de um teatro de mesa, ou em algumas épocas

<sup>7</sup> Mesa da estória, mesa que as crianças chamam de “mesa sagrada”, pois, essa mesa representa a época em que a sala está vivenciando, e ninguém mexe nela. Essa mesa vai se recompondo e se transformando gradativamente ao decorrer das épocas. Da mesma forma que o ser humano vai se transformando a cada fase da vida. Como também ocorre com o meio ambiente que se transforma a cada estação do ano.

essa vivência pode ser estendida para a comunidade escolar, como ocorre na época da menina da lanterna em que as famílias da educação infantil encenam a estória ao ar livre no final da tarde ao pôr do sol. Ou na festa de São João em que acontece uma festa com toda a comunidade escolar, com a cerimônia de ascendimento da fogueira, danças, músicas e comidas típicas de festa de São João.

Em alguns dias, durante a contação de estória, a professora também usa um instrumento de corda chamado kantele, que assemelha a uma arpa, com som suave e encantador. Nesses dias, a professora canta uma canção que tem a ver com a época, essa canção geralmente é cantada e tocada no início e no fim da contação da estória.

**Imagem 21: Teatro de Mesa**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 22: Teatro Menina da Lanterna (Encenado pelos pais das crianças)**



Fonte: Arquivo página Facebook da escola

**Imagem 23: Festa de São João**



Fonte: Arquivo página Facebook da escola

**Imagem 24: Professora com Kantele**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

Outro momento muito importante para a “fantasia criativa” das crianças é o dia do aniversário delas. A roda rítmica é substituída pela estória de suas vidas. A professora conta uma estória que narra a concepção da criança desde o mundo espiritual, passando pelo nascimento até os dias atuais. Essa estória parece um mundo mágico, onde as crianças do céu

observam os lares na terra e escolhem em qual deles quer ser acolhida, a qual família quer pertencer. É um momento único para cada criança. Nesse dia também, a estória contada na roda da estória tem a temática da vivência de uma festa de comemoração ao aniversário da criança. Fazendo desse dia especial para cada uma delas.

**Imagem 25: Estória do aniversário**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

**Imagem 26: Comemoração do aniversário**



Fonte: Arquivo pessoal da estudante pesquisadora

Assim, as épocas vão se perpassando às vivências e transformações da criança, que a cada dia vai se identificando um pouco mais ao seu eu, se percebendo como um ser na terra, preparando seu corpo, alma e espírito para uma vida futura na fase adulta, pautada na liberdade de se conhecer, conhecer o outro e o ambiente ao qual vive, tendo a sensibilidade e a criatividade de mudar sua realidade conforme necessário.

Essa rotina literária é vivenciada e expressada de diferentes formas de criança para criança. Algumas vivenciam tanto esse ambiente criativo e imagético que reproduzem em suas brincadeiras o momento da contação de estórias, colocam as cadeiras num movimento de palco em semicírculo, e fazem suas próprias narrativas para os colegas da turma. Outras vezes, representam as estórias em teatros de mesa em formatos similares ao que a professora apresenta.

Algumas crianças ficam hipnotizadas nas narrativas, observam cada movimento dos lábios da professora, vibram a cada cena narrada, esperam com expectativa do momento de a professora dizer “e viveram felizes para sempre”. Já outras crianças sentem a necessidade de a estória ter outro desfecho como na fala de uma menina que disse: “amanhã vai ser diferente, vamos aguardar cenas dos próximos capítulos, amanhã os bichos vão ajudar a dona galinha”. Frase dita na contação de uma estória que permeou a época da Páscoa. E outras não tem muita paciência de ouvir a mesma estória todos os dias, sentem-se entediadas, mas, não deixam de prestar a atenção em cada uma das cenas narradas.

Nas rodas rítmicas, as crianças cantam, fazem gestos, participam. Algumas fazem

“gracinhas” para os colegas, tirando a concentração de outras, o que deixa a professora um pouco incomodada. Outras querem fazer gestos pouco diferentes do apresentado, com gestos mais expansivos, o que também distrai os colegas, criando, às vezes, certa desarmonia no grupo. Mas, em geral, as rodas rítmicas são muito participativas, as crianças cantam, dançam, vivem cada um dos gestos realizados. E assim, os momentos literários vão sendo criados, vivenciados a cada dia, a cada época.



## 5) ANÁLISES ACERCA DAS CONTAÇÕES DE ESTÓRIAS NA ESCOLA WALDORF

A Pedagogia Waldorf traz para o cotidiano das crianças, o querer, o sentir e o vivenciar acerca dos conteúdos que permeiam cada época de estudos, sejam nas disciplinas de conteúdos ou através das vivências, nas visitas feitas fora da escola. No caso dos conteúdos, podemos citar o trabalho desenvolvido nas épocas de letras e números, nas quais as crianças ouvem e participam das histórias contadas, sendo trazidos para dentro da narrativa, como por exemplo, quando são convidados pela rainha de ouro a fazer parte do seu reino como cavaleiros da tabuada redonda e aceitam o convite; ou quando são tocados pela história das famílias que viviam na fazenda do Sr. Donato, se comovendo com as vivências dos personagens crianças que ali viviam e que em determinado momento sentiram as dores e os medos dos solitários grãos cultivados. Fazendo com que as crianças assimilassem essa narrativa com suas próprias experiências de crescimento e desenvolvimento corporal e emocional. No caso das saídas de campo, estudo do meio, aulas passeios ou qualquer nome que se queira dar, as crianças são afetadas através das visitas a lugares similares aos da narrativa que está sendo desenvolvida na sala de aula, como por exemplo, a ida a um atelier de uma ceramista, à queijaria, à padaria ou ainda, recriando as moradias da história por meio de maquetes.

Nas histórias contadas para formação ético-moral-espiritual do ser humano, como as festas religiosas, as fábulas e as histórias de povos antigos, o trabalho é realizado de forma a trazerem para as crianças a oportunidade de forjarem suas imagens internas acerca de sua existência no planeta terra, assimilando sentimentos, positivos ou negativos que constituem a essência humana e reconhecendo que o mundo no qual vivemos foi se transformando ao longo dos séculos. Desse modo, a professora explica que assim também ocorre com os corpos, sentimentos e experiências das crianças, que vão se transformando ao longo dos anos, formando suas consciências ético-moral-espiritual.

Portanto, as crianças são envolvidas nas histórias contadas, vivenciando, experienciando e internalizando imagens capazes de trazer entendimentos de sentimentos e sensações propícios para quem participa desse mundo, nesse espaço-tempo. Desse modo, a cada setênio, a escola aborda por meio das diversas histórias contadas, essa trajetória constituinte do ser humano entre o plano espiritual e o plano terreno.

A pedagogia Waldorf prioriza a palavra, a oralidade, não fazendo uso de imagens. Assim, a professora não mostra ilustrações, livros ilustrados, alguma imagem daquela história. Todas as histórias são contadas depois de internalizadas pelas professoras. As imagens que as crianças têm acesso na escola, são apenas as criadas na lousa pela professora e aquelas que eles

imaginaram.

A arte da palavra e da escuta contem, além da narração oral de histórias, a escuta, a leitura e a escrita, assuntos que deveriam e poderiam ser tratados na escola e também fora dela, com as dimensões culturais e estéticas que fazem parte de sua natureza linguística (MACHADO, 2015, p. 21).

Ou seja, estamos inseridos numa cultura letrada onde não só é utilizado a arte da fala, como também a escuta, a escrita e por vezes imagens grafadas em símbolos, números, entre outros. Na mesma concepção de leitura e tratamento da palavra, Magda Soares conceitua letramento como sendo, “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas, cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2009, p. 47). A Pedagogia Waldorf traz no seu cotidiano, essa dinâmica da escuta da palavra e depois o registro dessa escuta, não somente na concepção de aprender a ler e escrever, mas, de conhecer a si, o outro e o mundo, trazendo essa conexão da língua falada e escrita para uma dimensão do sentir, do querer e não somente da codificação dos símbolos linguísticos, pois segundo Duarte Júnior (1988, p. 16 – destaque do autor) “o conhecimento do mundo advém, dessa forma, de um processo onde o *sentir* e o *simbolizar* se articulam e se completam”, podendo despertar nas crianças o gosto pela leitura, a curiosidade para além das histórias narradas, formando leitores, uma vez que estamos inseridos numa cultura letrada. A exemplo disso, a professora Flora Celene, trabalha com seus alunos em alguns momentos a leitura conjunta de livros literários impressos.

Além das contações de histórias, outras artes permeiam esse universo como músicas, poesias, rodas rítmicas, artes manuais, pinturas, desenhos e outros. Propiciando à criança experienciar, vivenciar, sentimentos e sensações, dando suporte ao aprendizado, a apropriação do conhecimento, através de memórias corporais, sentimentais, que darão suporte para a conceituação teórica dos conhecimentos, já mais à frente no terceiro setênio.

A Pedagogia Waldorf em detrimento de outras pedagogias tidas como alternativas, como as escolas que se baseiam no movimento das escolas modernas de Portugal (MEM), baseadas nos ensinamentos do pedagogo francês Célestin Freinet, que tem o aluno como construtor de seu conhecimento, ou nas escolas baseadas em Réggio Emilia, difundidas pelo pedagogo italiano Loris Malaguzzi, que abordam as cem possibilidades de expressão e entendimento das crianças acerca dos conhecimentos a elas envolvidas, traz para sua prática pedagógica o protagonismo da criança, de forma democrática, onde elas são integrantes da construção e composição de seus conhecimentos, participando nas decisões do que estudar, e quando estudar. E os professores por sua vez, passam ser mediadores e propulsores no processo

de construção desses conhecimentos.

Na Pedagogia Waldorf é defendida e trabalhada a direção, a condução da criança, do adolescente e do jovem, por entre os caminhos do seu desenvolvimento corporal, social, emocional e espiritual. Seja pela imitação no primeiro setênio, seja pela autoridade do mestre no segundo setênio, ou na admiração e respeito do seu tutor no terceiro setênio. É que seu “eu” será plenamente constituído, atribuindo a fase adulta a liberdade tão sonhada e defendida pelo ser humano. Mas, uma liberdade pautada nos princípios éticos e morais do ser humano, capazes de buscar a felicidade real inerentes a vida em comunidade, em sociedade (CARLGREN; KLINGBORG, 2014).

E a criança pequena, na educação infantil, como podemos perceber está começando a se descobrir, descobrir o outro e o mundo ao qual habita. E que os momentos literários trazem a elas vivências num mesmo contexto e percepção que elas têm desse mundo. Um mundo bom, carregado de imaginação, criatividade, possibilidades das mais diversas. Um mundo cheio de personagens mágicos, de príncipes e princesas, castelos monumentais, animais falantes, poções mágicas, encantamentos e amor verdadeiro. Dando suporte para desenvolverem seus corpos, suas almas, seus espíritos. E por meio disso suas “fantasias criativas”, conforme citado no início desse relato de observações acerca do primeiro setênio. Uma vez que é por meio dessas “fantasias criativas” que a criança em sua fase adulta terá condições de criar mecanismos também criativos para superarem as possíveis adversidades, enfrentamento de suas realidades ou mesmo transformação dessa realidade.

Estudos e pesquisas realizadas por Vigotski e seus colaboradores ressaltam que a condição para o desenvolvimento humano é a aprendizagem da experiência culturalmente acumulada. Desse ponto de vista, a escola é um espaço promotor desse desenvolvimento. (MELLO; LUGLE, 2014, p. 262).

E a Pedagogia Waldorf traz essa experiência cultural acumulada através dos contos orais, seja, nas contações de histórias ou nas rodas rítmicas vivenciadas em seu cotidiano. Sem contar, é claro, que pensando didaticamente, pedagogicamente, quando se cria o hábito de um mundo permeado de histórias, de imaginação, de vivências das mais diversas, pode desenvolver nessas crianças a curiosidade para descobrirem coisas para além da realidade, instigando e criando possíveis ávidos leitores em suas fases escolares futuras. Possibilitando uma melhor compreensão de mundo, aumentando repertórios não só de vocabulário, mas, sobretudo de repertórios culturais. Ou seja, mesmo que nesse momento da fase da criança o manuseio de livros impressos não ocorra nessa pedagogia tão diferente e marcante na vida de muitos, não significa que ela não seja capaz de fornecer as vivências literárias que as crianças necessitam

para seu desenvolvimento emocional, social, cultural e até mesmo intelectual. Para Vigotski *apud* Martinez, (2020, p. 66) “educação é vida e se faz na relação entre pessoas, no encontro com o outro, nos diferentes contextos e situações”. Desse modo as experiências vividas na educação infantil através das contações de histórias que são representadas pelas crianças posteriormente nas brincadeiras de papéis. “Pela importância da interpretação das relações sociais, Elkonin (1988) denominou a brincadeira típica do período entre três e sete anos, como brincadeira de papéis”. (ELKONIN, 2011 *apud* MARCOLINO, 2020, p. 155). Essas brincadeiras de representação de papéis, e são de grande importância para seu desenvolvimento corporal, físico, emocional, dando suporte para o futuro desenvolvimento intelectual.

As contações de histórias proporcionam às crianças uma vivência integral, desperta nelas as imagens internas contidas em seu inconsciente coletivo. Faz germinar através das narrativas sementes literárias de forma viva e concretamente vivida, pois, a história vem de dentro das vivências da professora e projeta essas vivências para as crianças oportunizando que elas mesmas vivenciem essas experiências tanto no momento presente quanto em suas fases futuras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessada em verificar como as contações de estórias se fazem presentes na educação Waldorf e como elas acontecem, pude experienciar que elas não só estão presentes, mas perpassam toda a trajetória escolar dos alunos que estudam por meio dessa pedagogia. As crianças são envolvidas e levadas pelos fios narrativos das estórias contadas tanto para introdução dos conteúdos do currículo, quanto para a formação e desenvolvimento integral do ser humano, para se reconhecerem como um ser terreno, composto de corpo, alma e espírito, capazes de vivenciar os mais diversos sentimentos e emoções em relação a si, ao outro e ao mundo. Ou seja, “a própria educação possui uma dimensão estética: levar o educando a criar os sentidos e valores que fundamentam no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir, o pensar e o fazer” (DUARTE JÚNIOR, 1988, p. 18)

Pensando nessa integralidade do ser em relação a si, ao outro e ao mundo, e no ensino escolar, pautado em valores éticos-sociais, morais, artísticos, estéticos, emocionais ligados ao sentir, querer e pensar. Duarte Júnior (1988, p. 29) diz que:

[...] não é correto separar o conhecimento objetivo das emoções e dos valores. Ao contrário. A relação entre eles é dialética. (...) O verdadeiro conhecimento objetivo brota de uma atitude valorativa e emotiva, e pretende ser uma ferramenta para que o homem integre eficazmente o referido objeto de dominar o mundo.

Por essa diferença e por ser uma pedagogia baseada nos fundamentos da antroposofia, uma ciência espiritual, essa pedagogia ainda é pouco aceita e difundida nos meios científicos e acadêmicos. Por vezes, relegada a uma educação religiosa e dogmática. O que, em suma, não é verdade, já que quando se tem acesso a seus ensinamentos, as suas práticas de ensino cotidiana, vemos muito do que se fala nas escolas democráticas, com teorias como as de Freinet e Malaguzzi, através das artes, das contações de estórias, das aulas passeio, com uma diferença, a Pedagogia Waldorf tem um olhar mais holístico para o ser humano, prezando também pelo desenvolvimento corporal, emocional e espiritual e não somente o intelectual no que tange a dicotomia ensino/aprendizado.

Sobre essa pedagogia tão distinta e marcante, tanto para as crianças que ali estudam, quanto para mim, que através dessa experiência pude reviver e acessar imagens que segundo Nise da Silveira (1984, p. 82 *apud* Passerini 1998, p. 18) não são “cópias de objetos externos, mas uma representação imediata, produto da função imaginativa do inconsciente, que se manifesta de maneira súbita”<sup>8</sup>. Assim, memórias da minha infância foram evocadas de quando

---

<sup>8</sup> Nise da Silveira, em *O mundo das imagens*, 1984, p. 82, em nota de rodapé no livro de Passerini, 1998 p. 18.

minha mãe nos reunia em dias de chuva e nos contava belíssimas estórias, às vezes felizes, às vezes tristes, curiosas, mas sempre educativas, me fizeram lembrar em detalhes algumas delas, ou parte delas, não sei ao certo, mas, a sensação boa, prazerosa daqueles momentos foi tocante, me fazendo encher os olhos d'água em alguns momentos. Apontando, para mim, a importância de se construir essas imagens internas para a compreensão e o entendimento de atuações futuras na vida, pautadas numa formação ético-moral do ser, trazendo discernimento para a liberdade de escolhas e possíveis transformações à cerca do ambiente ao qual está inserido. Ou seja, “a narração de histórias para os alunos, nas salas de aula das Escolas Waldorf, é uma *práxis* que tem como objetivo despertar a consciência e possibilitar [a quebra de] paradigmas de comportamento (PASSERINI, 1998, p. 101).

Por fim, observamos que a Pedagogia Waldorf é permeada pelas artes, tendo como a base principal a arte da contação de estórias, que perpassa todo o universo escolar dessa pedagogia. E as observações realizadas na escola Waldorf, evidenciou essa presença marcante e significativa das contações de estórias, seja para ensinar os conteúdos, seja para a formação física, espiritual e ético-moral do ser humano, levando-o a se formar e se desenvolver num viés holístico, considerando o ser humano em um ser quadripartido, corpo, alma, espírito e o “eu” em relação a si e ao mundo que o rodeia.

Assim sendo, acredito que a literatura infantil, seja de forma escrita ou oral, narrada ou cantada, é de extrema importância para os sentimentos dos pequenos futuros leitores, pois, a contação de estórias proporciona à criança uma aprendizagem prazerosa, significativa, uma vez que ela “vive num reino maravilhoso ou aterrorizado, belo ou feio, mas, sempre mágico e repleto de imagens. Nós professores podemos oferecer-lhe um mundo sem magia, cinza e árido, ou pela narração de histórias, ajudá-la a organizar essas imagens num todo coerente”. (PASSERINI, 1998, p. 57).

Contudo, “como acho que as explicações conceituais são difíceis de aprender e fáceis de esquecer, eu caminho sempre pelo caminho dos poetas, que é o caminho das imagens. Uma boa imagem é inesquecível” (ALVES, 2018, p. 10). Do mesmo modo, ocorre com a educação permeada pelas estórias contadas, que criam essas imagens significativas, que permanecem ao longo da vida, assim como as estórias contadas pela minha mãe, que estão presentes no meu imaginário até hoje. Sim, Rubem Alves, uma boa estória é inesquecível.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos: Conversas sobre a aprendizagem e a vida.** São Paulo: Planeta, 2018.
- CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009 – (Série conversas com o professor; 1)
- CARIGREN, Frans; KLINGBORG, Arne. **Educação para liberdade: A pedagogia de Rudolf Steiner.** 10. ed. revisada. São Paulo: Antroposófica, 2014.
- COELHO, N. N. **O conto de fadas: Símbolos, mitos, arquétipos.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: Das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo.** 5. ed. Barueri, SP: Manole, 2010.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação.** 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- JUNG, Carl, Gustav, (1875-1961). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo/C.G.Jung.** Tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- KAMII, Constance. Por que defender a reinvenção da aritmética? In: **Crianças pequenas continuam reinventando a aritmética.** Porto Alegre: Artmed, 2017.
- LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf: Caminho para um ensino mais humano.** 5. ed. São Paulo: Antroposófica, 1990.
- LANZ, Rudolf. **Noções básicas de antroposofia.** 8. ed. São Paulo: Antroposófica, 2007.
- MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta.** São Paulo: Reviravolta, 2015.
- MARCOLINO, S. A brincadeira de papéis na escola da infância. In: COSTA, S. A. da; MELLO, S. A. (org.). **Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores.** Curitiba, PR: CRV, 2017, p. 153-164.
- MARTINEZ, A. P. A. O lugar da professora e do professor em uma proposta pedagógica promotora de desenvolvimento. In: COSTA, S. A. da; MELLO, S. A. (org.). **Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores.** Curitiba, PR: CRV, 2017, p.65-75.
- MELLO, S. A.; LUGLE, A. M. C. Formação de professores: implicações pedagógicas da teoria histórico cultural. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, vol. 14, n. 2, p. 259-274, mai./ago. 2014. Disponível em: <[www.univali.br/periodicos](http://www.univali.br/periodicos)>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

PASSERINI, Sueli Pecci. **O fio de Ariadne**: um caminho para a narração de histórias. São Paulo: Antroposófica, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TREVISAN, Helena Maria Ferreira. **Filhos felizes na escola**: Pedagogia Waldorf, o ensino pela arte. 2. ed. São Paulo: Trevisan, 2006.